



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

R. DO SOL, 131—PORTO

Comp. e Imp. na Tipografia Peninsular  
Rua dos Mercadores, 171—PORTO

REDACTOR PRINCIPAL—Antonio Alves Pereira

Propriedade do Grupo (Aurora Social)

EDITOR—Manoel Barbosa

Condições d'Assinatura (Pagamento adiantado)

Um mez . . . . .	405 (50 reis)
Semestre . . . . .	530 (300 reis)
Um ano . . . . .	860 (600 reis)

Para fora do país acresce o importe do selo.

Numero avulso \$01 (10 reis)

## A palavra de um industrial

Segundo um livro que acabo de compulsar, J.J. Rousseau tentou descobrir a música do futuro, Walt Whitman cria uma poesia sem ritmo nem rima, á qual os anglo-saxónicos lhe dão o nome de poesia do futuro.

O arguto industrial do *Comércio do Porto*, não ignorando certamente estes dois factos iminentemente históricos, julgou também poder competir com aqueles dois génios colossais e declarou-se futurista, advinhão, descobridor de coisas incognoscíveis. Assim, na situação Pimenta de Castro, procurou ler no espírito deste efémero presidente do conselho a sua vontade, os seus propósitos futuros. Forjando telegramas no seu gabinete de trabalho, o que é frequente na imprensa, noticiava no seu jornal, de vez em quando, estas retumbantes novas:

«Ao que parece, o sr. presidente de ministros vai em tal dia entregar o edificio da Bolsa á Associação Commercial do Porto; ou:

«Vai ser publicado em tal dia o decreto que restitue o edificio da Bolsa á Associação Commercial», fazendo as mais variadas apreciações aos pretensos intuitos do ditador deposedo. Por aqui se vê que, de facto, quem tinha vontade que a Bolsa fosse entregue á Associação Commercial, estando constantemente a lembrar essa necessidade, não era bem Pimenta de Castro, envolvido em questões de maior importância, como a luta de partidos e a revolução que se preparava, mas sim o proprietário do *Comércio do Porto*; assim como era ele a tal comissão que se empenhou para que o pobre do Cristo de bronze voltasse para o Prado do Repouso, exposto á veneração dos fleis ou aos dichotes dos ateus, não se falando já dos ataques frequentes do tempo invernal ou dos raios danzejantes de um sol assador, andando alguns dos seus empregados, arvora los em galopins, a angariar assinaturas pelos estabelecimentos comerciais da feição, para a representação ser vastíssima!

A revolução de 14 de maio, aquela revolução que Carqueja desejava do íntimo da sua alma que ela fosse aniquilada, atirou, com o impulso gigantesco de um forte vendaval, com todos os seus impressionantes projectos a terra. Nem Bolsa para a Associação Commercial, nem Cristo para o Repouso. Mas para maior arrelia, é como consequência de uma era nova, surge a lei regulamentadora das horas nas indústrias.

Isto é que o nosso modesto protagonista não descobriu, porque também não se esforçou por isso. Justiça lhe seja feita.

Aqui o caso era mais bicudo. Não podia conceber o antigo director das cozinhas económicas para os sem trabalho, sustentadas á custa dos bemfeitores, que nas suas oficinas fosse implantado o regimen das oito horas.

Ainda desta vez, porém, não se dando por vencido, quiz imitar Whitman, inserindo nas colunas do seu bem informado jornal um telegrama annunciando que o governo ia revogar, até nova ordem, a lei da regulamentação dos horários.

Se neste momento conseguiu entrar pelo futurismo dentro, arrancando-lhe todos os mistérios até essa época insondáveis, não sei bem. O que, no entanto, posso afirmar, é que ele não cuidava, como de resto o próprio governo nunca o supoz, que as associações de classe se mexessem e a dos tipógrafos, que não podia ser uma excepção a regra,

cuidasse imediatamente de estabelecer o horário das oito horas, imposto por lei, nos quadros dos jornais da noite.

Bento aceitou a imposição, segundo ele, contrariado, mas prometendo vingar-se, nem que os seus empregados tivessem culpa do seu egoísmo ser teroz. Achou aquele acto, não sei com que fundamento, uma indisciplina á sua autoridade intangível, como a do papa, porquanto era muito bem melhor trabalhar-se da uma hora da tarde até ás quatro, cinco e seis da manhã, quasi de um fôlego, pelo menos nesta ocasião de guerras.

Os quadros dos jornais, entendendo e muito bem que a lei foi promulgada como um beneficio e não como desbeneficio, apresentaram as suas reclamações de forma a conservarem os mesmos salários.

Isto era de mais. O que o futurismo lhe não revelou era que o seu pessoal, no futuro, de quem não estava habituado a ouvir queixas nem receber reclamações, fosse tão rebelde. Julgando-se antes comparado a Walt, apesar de ter sido tipógrafo, seu adversário, que conseguia a poesia do futuro, concordou que, afinal, por muito favor, se pôde igualar a Rousseau, que, apesar dos seus esforços não descobriu a música do futuro como Whitman descobriu a poesia. Por ser infeliz, por não descobrir os rebeldes do futuro, assim como se fez da futura, nem as revoluções futuras, é que só o quadro do *Comércio do Porto* ficou eternamente á espera, sendo satisfeitas as reclamações dos outros quadros.

Carqueja ardia em febre, aquela febre provocada pelo delirio das ambições e tratou, não de escrever uma linda poesia identica á que escreveu, sob a vigilância do dr. Tarchini Bonfanti, um doente afectado pela mesma moléstia, mas tão somente de comprar as máquinas-linotypes do extinto diário católico *A Palavra*, para dar um golpe decisivo nos insurrectos.

Nesta altura, o illustre catedrático do *Comércio* desmascarou-se solenemente, provando de um modo claro que a doutrina por ele perilhada de que se deve amar uns aos outros aquêles que pertencem á familia do *Comércio do Porto*, (filosofia proclamada ante os assistentes que abancavam á meza, devorando frango, vitela, doce, queijo, fructa e vinho, por ocasião de um passeio á Povoação de Varzim, em julho de 1911) não passava de uma teoria óca, muito excelente só para estar estriopada na Biblia do Senhor. De maneira que o quadro tipográfico do jornal ultra-caridoso *Comércio* tem o seu futuro ameaçado, pois o chefe supremo de tal familia pretende condenar os seus filhos a viver só com pão, como vivia o regicida Passavante, com papas de milho sem sal, como passava Bo-sisio ou só com batatas cozidas, com que se sustentava Lazzaretti.

E' verdade que o nosso homem fingiu patrocinar a aludi da reclamação, tendo havido conferências entre ele e o pessoal, rematando sempre a sua lógica industrial com estas palavras sacramentais: «Tenham confiança em mim; não vos quero, de forma nenhuma, prejudicar; apenas quero estudar a questão, e para isso preciso do tempo indispensavel. Não terão razão de queixa.» O tempo indispensavel já o teve, pois as máquinas já estão montadas... a produzem.

E agora? Agora... já que não

repararam no olhar do jesuita, coado através os óculos com aro de ouro; já que se enfeitaram com os seus consuetudinários gestos e com as suas *disertas* frases, é tratarem de vida, se não tiverem força para um movimento, pelo menos de protesto.

A palavra de industrial não vale nada, a não ser para intrujar os incautos. A prova está evidente. Além disso há esses dois fâmulos-môres que são uma sombra negra de perseguição para os empregados de casa em fôco. O fâmulos-pai, por exemplo, incompetente para o logar que desempenha, escudando-se num outro empregado que lhe faz todo o serviço, passa todo o tempo a contar historietas, com o bigode besuntado pelo visco narigal de mistura com rapé; faz-se muito zelador, espionando tudo, mas manda os seus subordinados como fiscais, nas horas do serviço, visitar doentes da Associação dos Tipógrafos, com o intuito de lhes apanhar a menor falta e retirar-lhes os socorros; faz-se muito amigo do seu amo, e por traz dele, porque o chama repetidas vezes, pelo telefone caseiro, á sua presença, chama-lhe um grande-chato, denunciando uma repulsa íntima, tais os seus gestos.

Portanto, por mim, creio firmemente que nada conseguirão os reclamantes com as esperanças. Primeiro, devido aos dois inimigos apontados, que tudo intriguem, tudo denunciam, fazendo peso no animo do avarento,

segundo, porque o imminente financeiro não pôde perder o último movimento de solidariedade da casa de obras,—não indicando já a solidiedade do jornal,—que esperava encontrar nele mais delicadeza, visto que tinha prometido a uma comissão da Liga das Artes Gráficas que lhe daria as 8 horas sem redução de ordenado, ao que faltou; terceiro, porque o caritativo excepcional pôde acima do *confiem em mim e do não terão razão de queixa* as suas ambições de dinheiro, não para, á semelhança do rei monomaniaco Luiz de Baviera, construir tres palácios onde reuna em vez das maravilhas que existem em Caserta, em Schoenbrunn, etc., etc.—onde ficaram os vestígios do génio de Francisco I e de Carlos V, a grandeza de Carlos III, o camero delicadissimo de Maria Antonieta e o poder de Catarina II,—as maravilhas de Portugal antigo,—onde residem as memórias do maluco D. Fernando, as tristes lembranças do estovado D. Sebastião, as beatices de D. João III e as ossadas dos judeus assassinados pelos esbirros de D. Manoel I—mas para o afeerilhar e deliciar-se na sua contemplação frenética, para depois deixal o em fortes heranças aos seus descendentes... O suor de crianças e homens entuberculizados na sua casa, sem ar nem luz, estando no inverno as lampadas permanentemente acesas, como permanentemente é o cheiro pestilente que contamina lentamente os pulmões dos desgraçados que ali trabalham, constituindo uma excelente estatística, isto apesar de apregoar na sua folheca muita hygiene: hygiene moral, física e material...

Eis as vantagens da casa do homem de palavra...

E lembrar-me eu que já estive, por minha infelicidade, um ano sob aquela tirania, quasi igual á exercida por um preto que os antepassados para ali trouxeram, que, segundo dizem, batia e insultava os tipógrafos...

Arre malandros!—diria E nídio Navarro, se ainda fôsse vivo!

Clemente Vieira dos Santos.

## Após a guerra

Segundo alguns autores, bem pouco conhecidos das obras do illustre inglês, a teoria de Darwin justificaria a afirmação da necessidade da guerra para eliminação dos débeis: a selecção natural conserva os fortes e os faz sobreviver na raça, suprimindo os fracos. Se a natureza procede verdadeiramente segundo este plano, a guerra colectiva entre homens é, de acôrdo com o próprio darwinismo, uma coisa anti-natural, pois na guerra, precisamente, não são os fracos, mas os fortes, os que são mortos. São por ventura enviados para as trincheiras os corcundas, os cambados, os idiotas, os escrufulosos, os que se esquivam ao serviço com mil pretextos, os poltrões que berram ao ceroulas ao menor sôpro de vento? As juntas de inspecção e as recomendações de seus papás prudentemente os retêm na retaguarda. Durante as hostilidades, portanto, só eles poderão fazer filhos; após a guerra, são ainda eles, todos eles, e entre os fortes, só os que tiverem escapado á metralha ou que voltarem sem incapacidade demasiado grave.

Portanto, a guerra, longe de eliminar os fracos, mata os fortes ou debilita-os; durante e após ela, o mais importante papel gerador pertence aos degenerados do corpo, do coração e da intelligencia. Por um lado que proclaram a geração débil de 1812; fôrça de outros lados que vivem o nível médio da sua estrutura descer notavelmente, após as guerras do primeiro Império.

Os vencedores, com effeito, não dormirão com as mulheres dos vencidos e não farão tronco no lar deles. Possível no tempo dos hunos, esta concepção, se assim podemos exprimir-nos, não é praticada em nossos dias. Mais ainda: a espingarda dum cretino pode matar um génio, ficando no lugar deste o cretino. O assassinato do génio pelo cretino não pode, em caso algum, dar ao matador uma proeminência.

Num pequeno volume, verdadeiro breviário do pacifismo (*A guerra e seus pretensos beneficios*, 2 fr. 50), Novicw demonstrou que «a guerra produziu sempre uma selecção ás avessas». Após cinco anos de combates contra os seus poderosos vizinhos, argentinos e brasileiros, a nação viril inteira da República do Paraguai quase desaparecera com a guerra; só restavam inválidos, entrêvados, crianças e mulheres (Eliseu Reclus, *Geographie universelle*, t. IX). Das origens da História á guerra actual, sempre assim foi e não podia nem poderá jamais ser de outro modo.

Nestas condições, como quem que após a guerra a vida se torne mais agradável e mais fácil para os que ficarem?

Que é vida uma agradável e fácil senão aquela em que, sendo enormemente abundantes os produtos da terra e da industria, se pode obter a maior quantidade deles com a menor despesa, ou, em última análise, com a menor soma de trabalho? Para ter muitos produtos, necessitam-se muitos trabalhadores. Tendo a guerra matado muitas centenas de milhares deles e aleijado, enferma-lo ou enfraquecido outras centenas de milhares, com poderiam menos trabalhadores fabricar mais produtos? (1)

O estado da França durante os cem anos em que os ingleses lhe assolaram o solo, as misérias da Europa na época das guerras suscitadas pelas rivalidades entre a Casa de Áustria e a de Bourbon, o estado da Alemanha após as incursões de Napoleão,

podem informar sobre o que nos espera.

A guerra actual entra agora no seu décimo terceiro mês e já muitos lares conhecem privações; na Bélgica, na Polónia, no Leste francês, as ruínas juntam-se ás privações; na Alemanha, na Áustria, já muita gente passa fome. Ora, nós vivemos ainda das colheitas sementeadas pelos 20 milhões de indivíduos actualmente mortos ou em armas. Mas daqui a um ano?

Os nossos contemporâneos não-de sentir por si mesmos se a guerra traz vantagens ou miséria, progresso ou decadência. Senti-lo-hão em breve. Podemos acreditar ainda nos titeres odiados e malévolo que diziam, como Moltke: «a guerra é santa»; como o orador católico Veuillot: «a guerra restaura e levanta»; como Emile Olivier, ministro do Império: «eu justifico a guerra»; como Gustavo Le Bon, esse falso sábio: «a guerra faz parte integrante da saúde social». Mas uma vez vão os factos incumbir-se de lhes responder.

A. MIGNON.

NOTA DA REDACÇÃO:

(1) Entretanto, este raciocinio do dr. Mignon só é rigorosamente exacto abstracto do actual regime capitalista. A produção é regulada (embora actualmente de modo fatalmente desordenado) pelo consumo—hoje traduzido em poder de compra, amanhã em sociedade comunista, expresso em necessidade de consumo—e não directamente pela oferta. Ora, em regime de propriedade particular e de salario, o que falta sobretudo, não são os trabalhadores nem os meios de produzir com abundância, mas sim a capacidade de comprar, a liberdade de consumo, restringida pelo salario.

## A Russia libertadora

Como é sabido, a guerra actual tem por fim libertar os pequenos povos. Os teutões, que seguram a Alsácia-Lorena, a Posnânia o Slesvig-Holstein, querem libertar de jugo russo a Finlândia, a Polónia e as províncias bálticas, outrora oprimidas pelos barões alemães. A Rússia, que tiraniza o seu próprio povo do modo que se sabe e persegue ferozmente os judeus e os ucranianos, corre a salvar os polacos da Gália e de Posen, assim como os servios, ao mesmo tempo que redobra de ferocidade contra a Ucrânia.

Para tratar da affitiva situação desta, fundou-se em Lausana (Suíça) um mensário—*La Revue Ukrainienne*.

O povo ucraniano conta 30 milhões de almas na Rússia, não tem escolas; desde 1876, nem a Biblia pode ser impressa em ucraniano, a não ser com a orthografia russa, o que torna as raras publicações quase incompreensíveis para os raros leirados. Só na Gália ou em Genebra se editam essas obras. Até á revolução russa, não se podia sequer abrir um teatro pequeno-russo; depois, respirou-se um pouco mais, mas continuaram proibidas as escolas, liceus, etc. Em 1877, foram os ucranianos uniatas (cujos padres são casados, mas reconhecem o papa) forçados a aderir á Igreja orthodoxa.

Logo que entraram na Gália, os russos substituíram os padres uniatas por popes, desterraram-lhes o arcebispo, suprimiram as escolas ucranianas, destruíram os livros de ensino, saquearam os notáveis museus nacionais, cujas riquezas levaram para a Rússia, proibiram o uso do traje nacional.

Nem sequer esperaram que acabasse a guerra!